

# António Manuel Couto Viana – É tempo de natal

É tempo de Natal. Exibe-se um pinheiro,  
Com lâmpadas de cor, sobre o balcão.  
Tem, também, pendurados, a isca do dinheiro  
E flocos finos de algodão.

Nas férias, foge a freguesia  
Do final das manhãs,  
Com os seus kispos disformes, de inflada fantasia,  
E o conforto das lãs.

Bebem-se mais bebidas quentes.  
O chão, mais húmido, incomoda.  
E há apelos insistentes  
Do cauteleiro que anda à roda.

Os embrulhos, nas mesas, nos regaços,  
Com vistosos papéis,  
Florescem de acetinados laços,  
Lembram o oiro, o incenso, a mirra, em mãos de reis.

Muitos adultos. Pouca criançada.  
Muito cansaço. Pouca animação.  
A vida (a cruz!) tão cara, tão pesada!  
E dão-se as boas-festas sem se sentir que o são.

Consigo mesa junto à vidraça.  
E é em mim que procuro, ou é lá fora,  
A estrela que não luz, o pastor que não passa,  
O anjo que não vem anunciar a hora?

**António Manuel Couto Viana, Café de Subúrbio**